

## O discurso do Design da Informação: um estudo a partir do CIDI

*Information Design discourse: a CIDI-based study*

Mauricio Perin, Estêvão Chromiec & Marcos Beccari

---

discurso, design da  
informação, CIDI,  
Foucault, teoria

Este artigo discute e analisa, conforme a abordagem dos Estudos Discursivos em Design, três textos publicados no Congresso Internacional de Design da Informação – em sua trilha História e Teoria, e nos artigos selecionados para publicação na revista InfoDesign – entre os anos de 2013 e 2017. Partindo da teoria pós-estruturalista de Michel Foucault, os discursos expressados e sustentados pelos trabalhos – selecionados através de uma Revisão Bibliográfica Sistemática simplificada – são discutidos com o intuito de sinalizar a existência de uma rede discursiva que, ao mesmo tempo, sustenta e permite a existência do Design da Informação enquanto campo do conhecimento.

*discourse, information  
design, CIDI, Foucault,  
theory*

*In the present article three works published in the International Congress of Information Design between the years of 2013 and 2017, specially selected from its 'History and Theory' thread and amongst the articles selected for publication in the InfoDesign journal, are discussed under the light of Design Discursive Studies. Based on the poststructuralist contextualization of Michel Foucault, the discourses expressed and sustained by these works, which were selected by a simplified Systematic Literature Review, are discussed as means for the existence of a discursive network that, at the same time, enables the existence of Information Design as a field of knowledge.*

---

### 1 Introdução

É possível afirmar que as discussões acerca de possibilidade e pertinência da neutralidade na produção do Design da Informação (DI) são tão antigas quanto a formalização da própria disciplina. Já na primeira edição da *Information Design Conference*, em 1984,

Robin Kinross discute tais questões em artigo que posteriormente é publicado como ensaio no periódico *Design Issues* (Kinross, 1985). Uma de suas intenções com o texto é “discutir, através do exame detalhado de alguns dos produtos com os quais designers da informação tipicamente se ocupam, se as informações podem ser neutras” (p. 18, trad. nossa).

Em sua investigação, Kinross analisa materiais gráficos produzidos entre as décadas de 1920 e 1970, e discute premissas levantadas nos anos anteriores, em especial por Gui Bonsiepe, sobre a retórica visual. A principal conclusão do autor é que “nada é livre de retórica, manifestações visuais emergem de circunstâncias histórias particulares, e não existe vácuo ideológico” (Kinross, 1985, p. 29, trad. nossa). Tal percepção, no entanto, entra em conflito com tendências, identificadas por Kinross no texto, que permeiam a atividade do design da informação: a de insulamento das influências do mundo externo, de negar qualquer noção de persuasão retórica, e de refugiar-se nas caixas-pretas de dispositivos tecnológicos.

Mas, apesar do longo período decorrido desde a publicação de Kinross, tal conflito não apresenta sinais de resolução. Evidência disso são trabalhos publicados recentemente no Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI), em que autores discutem “a impossibilidade de neutralidade da informação a partir de autores que abordam a retórica e a filosofia da linguagem” (Carvalho e Emanuel, 2015, p. 855), e propõem que o “design gráfico não é uma arte incondicionada e atemporal, tanto quanto não o é a ‘arte atemporal’”. Uma peça de design gráfico é um artefato comunicativo e cultural do seu próprio tempo e espaço” (Trogu, 2013, p. 14, trad. nossa).

A fim de contribuir com estes questionamentos, realizamos um levantamento de publicações relevantes no Brasil sobre DI nos últimos anos, utilizando as ferramentas de seleção e filtragem da Revisão Bibliográfica Sistemática (Conforto, Amaral e Silva, 2011), a fim de fomentar uma discussão do tema a partir das teorias dos Estudos Discursivos em Design (Beccari, 2018). Com isso, esperamos responder à seguinte questão: **Como a produção acadêmica sobre o Design da Informação no Brasil argumenta, justifica e reproduz o discurso de neutralidade nessa disciplina?**

Para tanto, inicialmente apresentamos brevemente as premissas utilizadas pelos Estudos Discursivos em Design – em especial aquelas de orientação pós-estruturalista, aqui aplicadas, e o histórico de sua aplicação crítica no campo do design. Em seguida, descrevemos os procedimentos de seleção e filtragem a partir de 72 artigos, e discutimos os pontos levantados em 3 destes textos. Por fim, fazemos algumas considerações sobre os resultados atingidos e apontamos possíveis desdobramentos futuros desta pesquisa.

## 2 Design, informação e discurso

“É preciso mantermo-nos acordados, aplicando nosso conhecimento crítico fora, tanto quanto dentro, da caixa-preta: questionando e resistindo” (Kinross, 1985, p. 30, trad. nossa). Encerrando seu ensaio com essas palavras, Kinross lança aos designers um desafio de autocrítica e reflexão que, não poucas vezes, é retomado e propagado por estudiosos do campo. Como no período de experimentações conduzidas sob orientação de Katherine e Michael McCoy na *Cranbrook Academy of Arts*, entre as décadas de 1970 e 1990 – que, acreditamos, representa uma das instâncias mais marcantes de tal exercício desde então. Nesse ambiente, é abraçada a concepção de que designers devem trabalhar a natureza retórica e persuasiva do design gráfico, e que, ao adotar um ponto de vista crítico, podem articular significados pertinentes para os contextos em que atuam. Para tanto, a *Cranbrook* naquele período abandona o que vinha sendo proposto por autores do design moderno, formalista – uma busca por sistemas de retórica visual neutros, abrangentes e universais –, e se aprofunda em discussões propostas no campo da filosofia por autores como Barthes, Derrida e Foucault (Camargo, 2011).

É essa mesma aproximação entre o design e os autores acima citados, que posteriormente ficariam conhecidos como Pós-Estruturalistas – referência à corrente filosófica surgida na França a partir dos anos 1960 que buscou explicitar/desconstruir, nos discursos vigentes, conceitos aparentemente tidos como naturais, universais e atemporais (Peters, 2000) –, que fundamenta aquilo que Beccari (2018) chama de *Estudos Discursivos em Design*. Sob essa perspectiva, considera-se, por exemplo, que ao se falar de design há sempre alguém que é autorizado a falar, e espaços específicos onde se pode falar, sobre a área. A abordagem aqui utilizada parte, portanto, do registro discursivo para olhar o design.

Premissas como a possibilidade de um design neutro, ou a universalidade dos princípios do DI, fazem parte, sob essa ótica, de um complexo regime de discursos que atravessa o DI. Regime este que, segundo Foucault (2008), pode ser entendido como o constructo em que discursos se relacionam e criam as condições necessárias para algo tenha valor e significado. E, no caso do DI, também lhe dá sustentação enquanto área do conhecimento. Sem intenção de questionar a validade de tais premissas e concepções – toda disciplina se define, afinal, pelo seu modo de encarar a realidade –, o que buscamos é demonstrar que “é importante que se possa sacudi-las, mantê-las em suspenso, tirá-las de sua existência pacífica e percebê-las, enfim, como efeitos de uma construção” (Paixão, 2013, p. 10).

Da mesma forma, é fundamental compreender que não se pode assumir que essa rede discursiva exista *a priori*, determinando previamente todas as possibilidades de discurso sobre o campo, mas está em constante movimento, construindo-se e atualizando-se. A partir da abordagem dos Estudos Discursivos em Design, operamos

sob a ótica específica do que se pode denominar *Estudos Discursivos em Design da Informação*: a investigação crítico-filosófica dos discursos existentes no escopo do DI.

### 3 Método

Para a seleção dos textos investigados, aplicamos procedimentos de uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) a partir da proposta *RBS Roadmap* de Conforto, Amaral e Silva (2011). Esse roteiro divide-se em 3 fases: *Entrada, Processamento e Saída*. Aqui demos foco às suas primeiras duas fases, substituindo a terceira pela discussão à luz dos Estudos Discursivos em Design. Cabe ainda ressaltar que a *RBS Roadmap* foi utilizada como referência, mas ajustes, em especial com relação às ferramentas utilizadas, foram feitos para adequar o processo metodológico à experiência prévia dos pesquisadores e aos recursos disponíveis.

#### 3.1 Entrada

O desenvolvimento da revisão se inicia pela definição de um problema a ser abordado e de objetivos que permitam a criação de critérios de seleção e análise dos textos. Neste trabalho, a pergunta é: **Como a produção acadêmica sobre o Design da Informação no Brasil argumenta, justifica e reproduz o discurso de neutralidade nessa disciplina?**

E o objetivo: **Selecionar três artigos sobre teoria do Design da Informação – publicados recentemente no Brasil, e distinguidos pela própria comunidade acadêmica do campo – para discussão e avaliação de sua relação com o discurso de neutralidade.** De forma que ficam claros os requisitos de local de publicação e temáticas específicas trabalhadas nos artigos, e a característica de avaliação e destaque na área de DI.

Conforto et al. (2011) orientam também pela seleção, e avaliação cautelosa, de fontes primárias de consulta, destacando a importância da consulta a especialistas nesse processo. Nesta pesquisa, a fonte principal é o CIDI, escolhido por sua proeminência no ambiente acadêmico do design brasileiro e internacional, seu foco específico no campo do DI, e pela disponibilidade de consulta de seus *proceedings*. Essa tomada de decisão, além da comparação com outras publicações, envolveu a consulta a materiais de disciplinas do PPGDesign da UFPR e discussões e orientações no Grupo de Estudos Discursivos em Design da UFPR. Dando maior especificidade à pesquisa, a amostragem do CIDI fica limitada às suas três últimas edições, nos anos de 2013, 2015 e 2017, e restrita à trilha ‘História e Teoria’, que, conforme sua própria definição<sup>1</sup>, concentra trabalhos voltados para os fundamentos do DI, seus principais autores, e a discussão de modelos

<sup>1</sup> “Abordagens/ contribuições históricas e teóricas ao design da informação. Pesquisas sobre pioneiros e primórdios do design da informação, propostas de taxonomias, assim como modelos e métodos para seu estudo, enquadram-se neste eixo temático” (SBDI, 2019).

de análise e outras ferramentas centrais do pensamento crítico da disciplina.

Tendo em vista nosso requisito de destaque, decidimos complementar a amostragem da trilha com artigos selecionados, a partir de todas as trilhas daquelas mesmas três edições do CIDI, para publicação no periódico *InfoDesign* – principal publicação Brasileira em DI e pioneira na América Latina. Acreditamos que os trabalhos reunidos nas edições v.14 n. 2 (2017), v. 12 n. 2 (2015) e v.10 n. 1 (2013) constituam uma seleção especialmente representativa da pesquisa em DI publicada no Brasil, visto que, como relata o editorial do v.10 n. 1: “Assim como temos feito desde 2007, organizamos este número a partir da seleção de artigos com avaliação destacada para apresentação no CIDI” (Farias e Spinillo, 2013).

Definidas as fontes, o *RBS Roadmap* segue com a seleção de *strings* de busca. No entanto, como a amostragem que utilizamos se restringe a uma trilha específica do CIDI e três números da *InfoDesign*, optamos por iniciar a filtragem diretamente pelas palavras-chave e resumos desses artigos. A busca foi realizada diretamente nas páginas de arquivo da *InfoDesign* e dos *proceedings* do CIDI, e ficou registrada em uma planilha dividida em duas tabelas, com os resultados das duas fontes, e registram as seguintes informações:

- edição de publicação
- título do trabalho
- autores
- palavras-chave
- resumo
- comentários iniciais
- comentários detalhados
- status de seleção

Além do *status* final de seleção, a planilha também diferencia a etapa de filtragem em que cada artigo foi descartado, ou o seu *status* final como material de referência ou de discussão para o presente trabalho. Essa marcação foi feita através do uso de cores para cada diferente *status*: cinza para trabalhos descartados na primeira filtragem, amarelo e laranja para as etapas subsequentes; os trabalhos em azul foram identificados como referências potenciais, e aqueles selecionados aparecem em verde (Figura 1).

A	B	C	D	E	F	G	H	
1	Ano	Título	Autores	Keywords	Resumo	Análise 1	Principais fontes e Análise 2	Check
18	2013	Pictorial representation in the London Olympics 2012: syntactic, semantic and pragmatic analysis	Aguar, Michelle Pereira de;	design da informação; representação pictórica; níveis semânticos	The pictorial representation and the use of pictograms for signage systems building, multinational and major events have appropriated the systematization, stylization and abstraction of the symbols to visual composition. The systematization proposed by Otto Neurath Isotype System has a strong influence on these systems, interfering with the visual composition of projects such as the signaling of Olympic events. From a cut between 1964 and 2012 Olympics, this article proposes a brief analysis focused on three pictograms selected systems used in the London Olympics 2012. Thus, a model is organized and considering as parameters of analysis the levels of semantic theory of signs proposed by Charles Morris.	Objeto de estudo restrito e específico. Verificar teorias utilizadas e modelos de análise e a forma como são apresentados e justificados.	Diaz & Martinez, 2010; Gomes Faria, 2002; Formiga, 2011; Frutiger, 2007; McCLOUD, 1995; Morris, 1948; Rosa, 2010; Toyman, 1980. Ênfase principal em Morris e Formiga. Aplicação direta dos conceitos sem argumentação ou discussão.	
19	2017	Produções gráficas de Heitor Mauer e a imaginação da modernização pernambucana	Maria, Leopoldina; Muecher, Heitor de; Mota, Virgínia Pereira;	história do design; memória gráfica; imaginário e repertório; modernização	O presente artigo relembra as produções gráficas de Heitor Mauer, Heitor Muecher, radicado em Pernambuco no início do século XX, buscando relacioná-las ao imaginário social traçado de época em que foram desenvolvidas. Assim, serão identificados elementos do imaginário da sociedade pernambucana depois de analisados pelo autor através de seu repertório construído inicialmente durante sua vida e formação profissional na Alemanha.			
20	2017	Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens	Moreira, Luiza Avilar; Fonseca, Letícia Pedruzzi;	Ficha de coleta de dados; análise de imagem; memória gráfica; acervo de imagens	O artigo propõe a elaboração de uma ficha de coleta de dados digital para análise de acervos de imagens. Foi realizada pesquisa bibliográfica para a proposição das variáveis técnicas relevantes e observação de um acervo de revista, utilizado como estudo de caso, para auxiliar no desenvolvimento de categorias e classificações. O objetivo do trabalho é padronizar e agilizar a coleta de dados e validar as análises por meio da sistematização de procedimentos e tratamento estatístico dos dados. Para tanto, também foram abordadas no artigo as etapas de tabulação de dados e geração de resultados, mostrando o uso dos dados coletados pela ficha construída. Conclui-se que a ficha de coleta de dados proposta permite aos pesquisadores ter um perfil gráfico de determinado acervo por meio de observação de variáveis diversas que podem ser adaptadas de acordo com a saída de informações desejadas, permitindo resultados de análises isoladas ou comparadas de um ou mais acervos.	Proposta geral de análise. Apresenta argumentação definindo abordagem quantitativa e estatística.	Ashwin, 1982; Berlin, 1983; Fonseca et al., 2016; Gomes e Fonseca, 2011; Lima, 2009; Redish, 2000; Siles, 1992; Wilbur & Burke, 1998. Boa argumentação sobre as fontes. Bastante material conceitual sobre D.	✓
21	2017	Proposta de taxonomia integrada para representações de design	Mazzarollo, Marco A.; Urbino, Váncio Ribes;	Taxonomia; representações de design; design da informação;	O presente trabalho busca propor uma taxonomia integrada para representações de design. Na literatura, é possível encontrar uma multiplicidade de abordagens para a classificação destas representações. Com base nesse cenário, o presente trabalho teve como objetivo agregar essas diferentes estratégias em uma taxonomia única. Como método, este trabalho baseou-se na revisão da literatura da área, através da qual as diferentes propostas de classificação foram identificadas, para em seguida serem agrupadas e hierarquizadas. Ao término da pesquisa, um modelo visual para representar a taxonomia foi desenvolvido. Um exemplo de sua aplicação também é apresentado.	Proposição de taxonomia pode conter bastante argumentação e defesa do tipo de abordagem utilizada.	Cita e discute vários autores na construção de sua taxonomia, e resultado é bastante abrangente e completo. Porém, se utiliza autores menos consagrados no campo e não aparece nenhuma das referências reconhecidas nos outros textos.	
22	2013	Sertanien Art Deco: analytical proposal for syntactic and morphological analysis of geometric elements from Northeast's popular facades	Souza, José Marconi Bezerra de; Rossi, Lia Monica;	Geometria; Arte Deco; fachadas; Nordeste	This article proposes to analyse morphologically and syntactically the Brazilian Northeast popular facades decorative details. This analytical tool has an innovative and exploratory character since usual architectural analysis has not yet been applied to such subject. Furthermore, this tool is based on concepts taught in product and graphic Design courses such as Geometry, Visual Methodology and Gestalt and Creativity theories. Besides its analytical character, this tool could be applied to teaching purposes and shape generation. Further research will focus on testing tool's usability in the classroom.	Objeto de estudo restrito e específico. Verificar teorias utilizadas e modelos de análise e a forma como são apresentados e justificados.	Bornseipe, 1978; Engelhardt, 2002; Gode e Cabral, 2008; Leborg, 2006; Rovers, 1988; Spinnelli, 2001; Weddington, 1978; Wong, 1978; Wong, 1996/2001. Boa argumentação sobre as teorias.	✓
23	2015	Seven theories for ID	Pettersson, Rune;	theory; design; information;	Information design has practical as well as theoretical components. It is a "combined academic discipline". Here the article is greater than the parts. So the information design has incorporated facts, influences, methods, practices, principles, processes, strategies, and tools from many other fields. However, we also need to borrow and incorporate theoretical approaches from already existing theories. This essay presents seven theories applied to information design.	Discute as bases teóricas utilizadas pelo design da informação, buscando maior influência externas e justificar a apropriação desses campos.		Similar

Figura 1 Recorte da tabela de registro.

O cronograma para o desenvolvimento da revisão iniciou-se no dia 28 de março de 2019, e tinha como prazo limite de revisão e iteração a data de conclusão prevista para o presente trabalho, aos 30 de maio do mesmo ano. Sendo que o levantamento das fontes e filtragem dos trabalhos transcorreu até o dia 16 de abril.

### 3.2 Processamento

O número de trabalhos inicialmente nessa amostragem é de 72 artigos completos, sendo 54 oriundos da trilha 'História e Teoria' e 18 do periódico. Os trabalhos apresentados na trilha entre 2013 e 2017 somam 55, porém um desses artigos foi também selecionado para publicação na *InfoDesign*, e apenas essa versão foi incluída na revisão<sup>2</sup>.

2 Farias, P. F. (2015) Epígrafes arquitetônicas paulistanas e londrinas: uma comparação sob a perspectiva do design da informação. *Revista Brasileira de Design da Informação*, v. 12, n.2. São Paulo: SBDI, p. 222 – 238.

O primeiro critério de inclusão aplicado foi a presença de palavras-chave definidas pelos próprios autores que contemplassem a área de concentração desta pesquisa. Por se tratar de uma discussão do ponto de vista discursivo, acreditamos que, ao enquadrarmos dessa forma os trabalhos, podemos evidenciar o lugar de fala e a fundamentação assumida por seus autores. As palavras-chave foram selecionadas por saturação, e a partir de um conjunto pré-estabelecido de tópicos específicos, a partir da amostragem total. O conjunto utilizado na filtragem, incluindo variações de grafia e idioma, foi:

- análise de imagem
- cognition
- conceitos
- design da informação / design de informação / information design

- 3 Walker, S. (2014) *Isotype children's books: approaches to visual organisation and graphic techniques for explanation*. Blucher Design Proceedings, v. 1, n.2. São Paulo: Blucher, p. 1239-1253.
- 4 Oliveira, E. A; Araújo, J. L. (2017) *Design de notícias no curso de Jornalismo: uma experiência de ensino a partir do design da informação*. Revista Brasileira de Design da Informação, v. 14, n.2. São Paulo: SBDI, p. 204 – 217.

- filosofia
- linguagem gráfica
- *information behaviour*
- sintaxe
- sistema informacional
- teoria / *theory*

Essa primeira filtragem reduziu o número de artigos para 20, sendo que um dos artigos não apresentou palavras-chave, e foi automaticamente desqualificado da seleção<sup>3</sup>. Na sequência, incluímos os resumos dos artigos, e, a partir de sua leitura, identificamos os trabalhos de foco excessivamente restrito, que discutem recortes muito específicos do DI, ou de cunho mais prático do que teórico.

Aqui também assinalamos artigos que, apesar da presença de palavras-chave aparentemente relevantes para a revisão, discutem temas relacionados apenas marginalmente aos fundamentos de DI, como mudanças tecnológicas em produção gráfica, ou estratégias de arquitetura da informação. Outro grupo de trabalhos descartado após a leitura dos resumos, mas que pode ser aproveitado como referência, foi daqueles que apresentavam abordagens críticas e análises de vocabulários e discurso do campo do DI, estratégias similares à esta pesquisa.

Essa segunda filtragem reduziu o número de artigos para 11, que então foram avaliados segundo os métodos que utilizam – por exemplo, se os discutiam ou faziam apenas a aplicação direta destes –, o conteúdo de suas considerações finais e suas referências. Para essa última etapa de filtragem, nos valem das principais referências utilizadas no PPGDesign da UFPR, e já levantadas pelos autores. Os trabalhos selecionados referenciam, e especialmente discutem em profundidade, autores como: Clive Ashwin, Jacques Bertin, Gui Bonsiepe, Donis A. Dondis, Yuri Engelhardt, Carla Galvão Spinillo e Michael Twyman.

Por fim, uma segunda leitura dos textos identificou aqueles que não só discutem as referências e teorias utilizadas, como também as retomam ao fim dos trabalhos. Optamos também por descartar um dos textos, visto que, apesar do tratamento detalhado das teorias de DI, a perspectiva utilizada pelas autoras é externa ao campo do design<sup>4</sup>. Priorizamos ainda aqueles trabalhos que compartilham entre si o maior número dos autores acima citados, o que acreditamos ser um indicativo de homogeneidade e coesão no discurso do campo.

Com isso, chegamos ao resultado final da seleção com três artigos, todos apresentados na trilha 'História e Teoria' do CIDI:

- Souza, J. M. B; Rossi, L. M. (2014)
- Miranda, F; Spinillo, C. G. (2018)
- Moreira, L. A; Fonseca, L. P. (2018)

Concluída a seleção, os três artigos foram armazenados para consulta e iniciamos o trabalho de registro da revisão a partir das informações contidas na planilha. Dado o recorte temporal específico da pesquisa, não houve necessidade de retomar ou iterar as buscas.

## 4 Resultados

Ao examinar os artigos selecionados, percebemos a recorrência de sistemas de análise formal nas propostas dos autores. A partir da seleção de variáveis, tais sistemas buscam estruturar a informação visual a fim de registrar, organizar e garantir a eficiência da mensagem na investigação científica. No artigo *Infografia digital: proposta de um instrumento de análise da apresentação visual e auditiva*, Miranda e Spinillo (2018) propõem um instrumento de análise descritiva para apresentação visual e auditiva. Os autores constroem seu instrumento pela síntese das variáveis propostas por diversos sistemas analíticos de outros autores comuns ao design de sistemas de informação, que organizam suas teorias a partir de estruturas que dividem as representações visuais em partes variáveis.

Engelhardt, por exemplo, apresenta um modelo estrutural baseado na linguística para traçar relações semânticas e sintáticas entre elementos visuais, que assim poderiam ser analisados sob gramáticas de relações e de atributos – análogos aos existentes na *Sémiologie Graphique* de Jacques Bertin. Lima (2009), por sua vez, se fundamenta em diversos estudos da linguagem gráfica – a partir de autores como Ashwin (1979), Twyman (1979), Horn (1998) e também Engelhardt (2002) –, para propor um instrumento de análise com seis variáveis. Para a análise de animações, Lowe (2004) apresenta um sistema de três variáveis. Em artigo anterior, Spinillo et al. (2010) propõem também um sistema de três variáveis. Da mesma forma, são propostos sistemas distintos para a análise de interação em Miranda & Spinillo (2012), Roberto Cairo (2008) etc.

Por fim, os autores apresentam o instrumento que dá nome ao artigo, derivado da síntese e do refinamento desses diferentes sistemas. A síntese resultou em 64 variáveis de apresentação visual e aural, que foram divididos em quatro grupos: *modos de representação; relações gráficas; apresentação de animação; e apresentação de interação*. Que são aplicadas, no artigo, na análise de um infográfico digital com o intuito de organizar a peça a partir das categorias existentes no sistema. Como visto, a maioria dos autores citados na fundamentação teórica do artigo, assim como o instrumento resultante da sua síntese, servem-se de sistemas estruturais para organizar informações de representações gráficas, auditivas, estáticas, animadas ou interativas.

A criação de um sistema de análise também é o fio condutor do artigo *Art Déco Sertanejo: proposta de análise morfológica e sintática de elementos geométricos de fachadas populares nordestinas*, de Souza e Rossi (2014). Sua proposta é de uma ferramenta de análise morfológica e sintática dos elementos decorativos presentes em fachadas e platibandas de construções populares nordestinas. Essa necessidade surge, segundo os autores, do fato de os sistemas de análise da forma aplicados à arquitetura (Godoi e Celani: 2008) serem incompatíveis com a proposta de trabalhar o Geometrismo bidimensional; e do fato de os sistemas do design gráfico, tanto o de Lessa (1995) quanto os de



análise sintática do DI (Spinillo, 2001; Engelhardt, 2002) priorizarem a análise de peças gráficas majoritariamente informativas (Souza e Rossi, 2014, p. 2).

Embora fique clara a preocupação dos autores de trazer à luz formas tidas como periféricas na arquitetura do Brasil, o sistema de análise proposto segue a mesma lógica da organização do conteúdo visual a partir de um vocabulário de partes variáveis previamente definidas. Nesse caso, as variáveis são quatro: *a superfície onde ocorrem as composições, os elementos dessas composições, os arranjos de elementos iguais entre si, e os agrupamentos perceptuais dos elementos*. Os princípios adotados para fundamentar as relações entre tais elementos derivam da Teoria da Gestalt e das Leis da Simetria<sup>5</sup> (Souza e Rossi, 2014, p. 2-8).

5 As Leis de Simetria, para os autores, provêm das teorias de Bonsiepe (1978, p. 164), Wilmer (1978, p. 109), Waddington (1979, p. 37) e Leborg (2006, p. 38).

O terceiro artigo, *Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens*, de Moreira e Fonseca (2018), propõe a elaboração de uma ficha de coleta de dados digital para análise de acervos de imagens, nomeada como *FII digital*. O objetivo dessa ficha seria, como dizem as autoras, “padronizar e agilizar a coleta de dados [...] por meio da sistematização de procedimentos e tratamento estatístico” (Moreira e Fonseca, 2018, p. 1209). O projeto se constitui pela formulação de categorias sob as quais o grande acervo de imagens da revista *Chanaan*, entre 1936 e 1939, seria digitalizado.

São elas: *nome, edição, tipologia, forma, tamanho aproximado, cor, orientação, consistência, gama, enquadramento, naturalismo, moldura, fios, assinatura, legenda e planos fotográficos*. Segundo as autoras, tais categorias foram fundamentadas nos sistemas de análise de imagens propostos por Lima (2009) e Ashwin (1982), que já foram discutidos acima. Após a definição das variáveis, foi criado um formulário online para o preenchimento dos dados e a quantificação e visualização das informações através de gráficos comparativos, como explicam as autoras:

Todas as categorias foram desenvolvidas e pensadas de forma que se conseguisse ao final da tabulação nos fornecer dados que seriam facilmente filtrados e organizados, por isso diversas variáveis tiveram como resposta de saída números, que facilitam e agilizam os sistemas de contagem mecânica e automática do Excel [...] A análise dos dados e a geração de resultados faz com que o pesquisador assuma o papel de designer da informação, uma vez que seleciona e organiza informações com o intuito de registrar e garantir eficiência na investigação científica [...] Este compromisso com a acessibilidade e eficácia da informação em uma perspectiva geral é estabelecido ao designer da informação por alguns estudiosos (Moreira e Fonseca, 2018, p. 1221 e 1223).

Nessa citação, fica clara a pressuposição – que acreditamos esteja também latente nos outros trabalhos – de um estado neutro do pesquisador de DI, que teria um compromisso com a eficiência da informação, tomando seus sistemas de análise das imagens como ferramentas efetivas para filtrar e organizar a informação. É nesse ponto que voltamos a nos perguntar como a produção acadêmica

sobre DI no Brasil argumenta, justifica e reproduz o discurso de neutralidade nessa disciplina. Ao analisar os três artigos selecionados pudemos perceber que existem nesses discursos a premissa de que sistemas que organizam formalmente as partes da informação seriam mais eficazes do que outros.

6 Ashwin (1979), Twyman (1979), Horn (1998) e Engelhardt (2002).

Como foi observado na fundamentação teórica dos artigos, é comum que pesquisadores lancem mão de certos sistemas de análise legitimados dentro do campo<sup>6</sup> a fim de, a partir deles, formularem e refinarem novos sistemas de análise. No entanto, ao fazerem isso, é possível que omitam valorações implícitas no próprio sistema, como, por exemplo, o pressuposto de que um componente gráfico, uma vez entendido como não tendo função informacional, é depreciado dentro do campo – ainda que tal componente suscite diferentes tipos de informações. A confiança na coerência interna de tais sistemas de análise e no arcabouço teórico-argumentativo que os justifica configura um regime discursivo que invalida modos de pensar peças de design em diferentes chaves de interpretação.

Ademais, é possível que tais instrumentos analíticos enalteçam certa generalização da informação percebida, e que por isso já não podem ser tomados como neutros. Não se trata aqui de questionar a eficácia e a importância dos instrumentos propostos nos artigos; sua evidente recorrência e longevidade demonstram que, dentro do campo, eles são úteis no que propõem e seu uso se faz relevante. O que desejamos salientar é que o ideal de neutralidade é parte implícita do uso de sistemas de análise que se apresentam como mais eficazes do que outras formas possíveis de organização de elementos gráficos.

## 5 Conclusões

Pudemos verificar, no discurso do DI, que alguns sistemas de análise são tomados como verdades atemporais a partir das quais novos sistemas mais complexos são formulados, produzindo assim um efeito de verdade que progressivamente omite as generalizações propostas nesses sistemas. Assim, opera-se implicitamente uma restrição dos discursos possíveis sobre o design, e induz-se a valorização de peças gráficas condizentes com as variáveis estabelecidas nesses sistemas. A coerência interna dos sistemas recebe o caráter de verdade científica de forma que são comumente encarados como neutros. Configuração esta que foi exposta também por Carvalho e Emanuel:

Por meio da síntese formal, esses elementos (variáveis) são eleitos como fundamentais para expressão visual e, portanto, passam a ser entendidos como universais e desprovidos de significados pré-estabelecidos. Esta lógica estabelece as premissas para o conceito de neutralidade da informação visual em movimentos posteriores, privilegiando uma abordagem de cunho sintático, ou seja, reduzida aos elementos básicos que constituem a mensagem visual. [...] Diante dos estudos dos discursos nos deparamos com a impossibilidade da neutralidade na linguagem, uma

vez que eles sempre expressam o contexto sócio-histórico em que se manifestam (Carvalho e Emanuel, 2015, p. 859 e 860).

Embora os sistemas analíticos utilizados no DI sejam uma forma de organizar o conteúdo visual e tenham assim sua importância, eles acabam por criar, ainda que indiretamente, generalizações que são tomadas como verdades dentro do campo. Interessa-nos aqui sublinhar a possibilidade de diferentes critérios pelos quais esse jogo de interpretações das qualidades formais poderia se dar, de modo que se poderia abster o pressuposto de neutralidade difundido implicitamente no discurso vigente no DI. Entendemos que ao campo interessa o uso de tais sistemas, pois, ao ampararem novas teorias de DI, delimitam um tipo especializado de conhecimento em relação a outros tipos que permanecem em disputa no design. O risco, no entanto, está em se adotar a lógica formal de tais sistemas como via de mão única, isto é, desconectada de demais contextos, e desconsiderando aspectos pertinentes que permeiam o uso, a eficácia, a comunicabilidade etc. dos produtos de design. Dessa forma, acreditamos que o presente estudo contribui, sem esgotar o tema, para as reflexões críticas acerca do DI já colocadas em andamento por publicações anteriores à esta edição do CIDI, além de acrescentar à produção, ainda restrita, dos Estudos Discursivos em Design no Brasil.

## 6 Agradecimentos

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –, Código de Financiamento 001, e ao Programa de Pós-Graduação em Design da UFPR.

## Referências

- Ashwin, C. (1979). The ingredients of style in contemporary illustration: a case study. In: *Information Design Journal*, v. 1. Londres. p. 51-67
- Ashwin, C. (1982). *Encyclopaedia of Drawing: materials, technique and style*. Cincinnati: North Light.
- Beccari, M. (2019). *Estudos discursivos em design: fundamentos teóricos*. Curitiba: Grupo de Estudos Discursivos em Arte e Design UFPR. Disponível em: <nedad.ufpr.br/atividades/> Acesso em: 7 mai. de 2019.
- Bertin, J. (1983). *Semiology of graphics*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Cairo, A. (2008). *Infografía 2.0 – visualización interactiva de información en prensa*. Madri: Alamut.
- Camargo, I. P. (2011). *O departamento de design gráfico da Cranbrook Academy of Art (1971 – 1995): novos caminhos para o design*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAUUSP.
- Carvalho, R. A. P; Emanuel, B. (2015). Linguagem e Design: sobre a impossibilidade da neutralidade da informação. *Blucher Design Proceedings*, v.2, n.2. São Paulo: Blucher, p. 855-868.
- Conforto, E. C; Amaral, D. C; Silva, S. L. (2011). Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. *8º Congresso Brasileiro de Gestão de Desenvolvimento de Produto - CBGDP*. Porto Alegre, p.1–12.
- Engelhardt, Y. 2002. *The language of graphics*. Amsterdam: Sewn.
- Farias, P. L; Spinillo, C. G. (2013) Editorial. *Revista Brasileira de Design da Informação*, v. 10, n. 1. São Paulo: SBDI, n. p.
- Foucault, M. (2008). *A arqueologia do saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Godoi G. de e Celani G. 2008. *A Study about façades from historical Brazilian town using shape grammar*. Apresentação, Congresso SIGraDI: Cuba.
- Horn, R. 1998. *Visual Language: global communication for the 21st century*. Bainbridge Island: MacroVU Press.
- Kinross, R. (1985). The Rethoric of Neutrality. *Design Issues*, v.2, v. 2. Cambridge: The MIT Press, p. 18-30.
- Lessa W.D. (1995). *Dois Estudos de Comunicação Visual*. v.1. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Leborg C. (2006). *Visual Grammar*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- Lima, R. C. (2009). *Análise da infografia jornalística*. Dissertação (Mestrado em Design). Rio de Janeiro: ESDI.
- Lowe, R. (2004). *Interrogation of a dynamic visualization during learning*. In: Learning and Instruction. Vol. 3(14). p. 257-274.
- Miranda, F.; Spinillo C. G. (2012). *Infografia jornalística online: um estudo sobre os objetos de interação na interface gráfica de usuário*. In: *Interaction South America 2012*, São Paulo. *Anais do 40 Congresso Internacional de Design de Interação*. São Paulo: Blucher, 2012. v. 1. p. 215-227.
- Miranda, F; Spinillo, C. G. (2018). *Infografia digital: proposta de um instrumento de análise da apresentação visual e auditiva*. *Blucher Design Proceedings*, v.4, n.5. São Paulo: Blucher, p. 1250-1261.

- Moreira, L. A; Fonseca, L. P. (2018). Proposta de ficha de coleta de dados para análise de acervos de imagens. *Blucher Design Proceedings*, v.4, n.5. São Paulo: Blucher, p. 1208-1224.
- Paixão, H. P. (2013). *Saber, Poder e Sujeito no Dispositivo da Moda*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Goiânia: UFG.
- Peters, M. (2000). *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Redish, J. (2000). What's information design? In: *Technical Communication Journal*. Disponível: <[dwheelersite.com/PDFs/Articles%20for%20Reading%20List/Redish%20What%20Is%20Information%20Design.pdf](http://dwheelersite.com/PDFs/Articles%20for%20Reading%20List/Redish%20What%20Is%20Information%20Design.pdf)>. Acesso em julho de 2012.
- SBDI. (2019). Apresentação. *Site Oficial CIDI 2019 BH*. Sociedade Brasileira de Design da Informação. Disponível em: <[sbd.org.br/cidi2019/apresentacao/](http://sbd.org.br/cidi2019/apresentacao/)> Acesso em: 10 abr. 2019.
- Souza, J. M. B; Rossi, L. M. (2014). Sertanejo Art Deco: analytical proposal for syntactic and morphological analysis of geometric elements from Northeast's popular façades. *Blucher Design Proceedings*, v.1, n.2. São Paulo: Blucher, p. 1288-1302.
- Sless, D. (1992). What is information design? In: *Designing information for people*. Canberra: Communication Research Press. p.1-16.
- Spinillo, C. G. (2001). *An analytical approach to procedural pictorial sequences*. Unpublished PhD, The University of Reading, Reading, England.
- Spinillo, C. G. et al. (2010). *Design da Informação em instruções visuais animadas – Relatório do Projeto*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- Trogu, P. (2014). The double constraints of convention and cognition in successful graphic design. *Blucher Design Proceedings*, v.1, n.2. São Paulo: Blucher, p. 1376-1389.
- Twyman, M. (1979). A Schema for the Study of Graphic Language. In: Kolers, P.A.; Wrostad, M.E.; Bouma, H. (eds.). *The Processing of Visible Language*. Vol. 1. Nova Iorque: Plenum. p. 117-150.

## Sobre os autores

### Maurício Perin

<[mauricio.perin@gmail.com](mailto:mauricio.perin@gmail.com)>

Mestrando, UFPR, Brasil

### Estêvão Chromiec

<[estevaochromiec@gmail.com](mailto:estevaochromiec@gmail.com)>

Mestrando, UFPR, Brasil

### Marcos Beccari

<[contato@marcosbeccari.com](mailto:contato@marcosbeccari.com)>

Doutor, UFPR, Brasil

Artigo recebido em 16/10/2019,  
aprovado em 16/10/2019.